

# REGENERAÇÃO

AVENÇA

Semanário regionalista e cultural

Director Literário—Dr. João Tendeiro  
Composto e Impresso na  
Tip. Figueirense—Figueiró dos Vinhos

Director, Editor e Proprietário  
Doutor Manuel Simões Barreiros

Redacção e Administração:  
Rua Major Neutel de Abreu  
FIGUEIRO DOS VINHOS

Dr. Mário de Vasconcelos

Fonte de Campêlo

Major Valente de Carvalho

O sr. dr. Mário de Vasconcelos, ilustre Governador Civil do nosso distrito, passou nesta v. l., acompanhado do sr. Capitão Salgueiro Rego, digníssimo comandante da policia de Leiria, na passada terça feira.

Depois de cumprimentarem o sr. Presidente da Câmara, seguiram com destino a Leiria.

Major Francisco Cativo

Por ter sido promovido a Major e colocado em Vendas Novas, este ilustre official abandonou o cargo de Delegado dos Serviços de Censura em Santarém, que há anos vinha desempenhando com raro critério e inteligência, num trato impecável a que aliava uma compreensão rara pelas dificuldades com que luta a pequena imprensa.

Ao sr. Major Francisco Cativo, as nossas felicitações e o desejo das maiores felicidades no exercício do seu novo cargo.

Estrada de Campêlo—Alge

Para a construção do caminho vicinal entre Campêlo—Alge, ofereceu o sr. Joaquim Alves Martins a avulzada importância de dez contos.

Em face da generosidade do sr. Alves Martins e do desejo, que tem, de que a terra de sua naturalidade possua uma estrada, a Câmara e bem assim a junta de freguesia de Campêlo, resolveram subsidiar um igual importância a construção da estrada.

Os trabalhos começaram na passada quarta-feira.

Rápido

A partir de antes de ontem, foi pela C. P. restabelecido o rápido de Lisboa ao Porto e vice versa às terças, quintas e sábados, com o horário do costume.

Dr. Deniz Henriques

Tivemos o prazer de cumprimentar o sr. dr. Manuel Deniz Henriques, abastado proprietário em Castanheira de Pera e nosso ilustre colaborador.

Joaquim Alves Martins

Depois de alguns dias de estadia, nesta vila, regressou a Lisboa o sr. Joaquim Alves Martins, nosso particular amigo e importante comerciante e proprietário na Capital.

E' sempre no maior interesse e regosijo que, nas colunas deste jornal, colhemos a noticia agradável dos melhoramentos do concelho e com gaudío seguimos esse movimento.

Desta vez, aparece-nos a Fonte de Campêlo.

Se o caso nos não diz respeito, já de perto nos tocou,—um motivo maior do nosso regosijo.

Em Abril de 1934 (se não me engano) uma comissão composta pelo ex. mos srs. Joaquim Lourenço de Campos, mui digno professor em Campêlo, presidente da Junta, Sérvulo Simões Pereira, Joaquim Simões, etc. e por quem estas escreve entrevistou-se com o ex. mo sr. dr. Barreiros, já a esse tempo digníssimo Presidente da Câmara, expondo-lhe a necessidade de água boa e potável para consumo deste povo, porquanto, utilizavam a água da ribeira sem limpeza nem hygiene e, em dadas ocasiões, certamente inquinada.

Da parte de s. ex.ª não foi menor que o nosso, o desejo de sermos atendidos.

A Câmara, porém trazia muitas obras, inclusivamente a estrada de Campêlo e, na demarche dos acontecimentos, cada caso tem o seu lugar. Demais, a captação das águas não parecia fácil. Aguardou-se occasião que, finalmente, chegou.

Depois de uma estrada macadamizada, reparação e inovação de outras, construção de pontes e edificios escolares na freguesia, a fonte de Campêlo é mais um padrão a render homenagem aos Homens do Estado Novo.

Só dentro desta política se conseguiu obra de valor.

Passaram, felizmente, os tempos demo liberaes, da velha democracia de promessas vãs e palavras doces, para se ingressar no caminho prático das realidades de orientação e sentido à vida.

Trocou se toda a acção subversiva e desorganizadora, por um trabalho ordeiro, probo e consciencioso.

Abateram se bandeiras de partidos e facções politicas, fundiram se vontades, conjugaram-se esforços, cedeu-se ao ideal do bem e da verdade, numa causa comum.

E' o pensamento e acção do Estado Novo.

Política de verdade e de regeneração, que vem operando transformações e se tem feito sentir em todos os sectores da vida pública e mesmo particular.

Revolução politico-social, de elevação e engrandecimento do individuo e da familia, sanando e melhorando as condições de todos os povos.

Não existe vila, cidade ou aldeia ainda sertaneja, que não tenha sido beneficiada pelo Estado Novo.

Os povos que se habituaram a pedir também se habituaram a receber e mais conhecedores das causas pelos efeitos, vendo-se atendidos dos poderes públicos, bendizem e proclamam alto os principios básicos e orientadores da Revolução Nacional.

Sentem que vivem na ordem e na paz.

Nesta hora conturbada e de conflagração geral, neste mundo revoltado e trágico, Portugal vai calmamente na paz, sabendo que quere, para onde vai e seguro do seu destino.

Dentro da Orgânica do Estado Corporativo, a Nação confia em si mesma.

Necessário se torna, que esta coesão seja o índice da adesão firme de cada um e todos os portugueses integrados na doutrina do Estado Novo.

Alheios ao movimento Nacionalista ainda muitos se ficam

(Continua na 2.ª página)

O trigo, a lã, o algodão, a seda, o carvão e os minerais metálicos, vindos das Américas, da Ásia, da Africa e da Oceania, eram elaborados pela industria europeia num ritmo sempre crescente de acumulação de capitais.

Ao mesmo tempo, uma separação cada vez mais nítida se notava entre a grande industria e o comércio. A grande revolução industrial dos transportes, facilitando a rápida comunicação de todos os continentes, exigia uma classe especializada de capitalistas—os comerciantes—que reunisse nas suas mãos todo o tráfico nacional e internacional.

Os Bancos e os grandes organismos financeiros, transformando o capital social inactivo em capital produtivo, impunham-se igualmente como intermediários indispensáveis nas grandes realizações industriais ou comerciais.

A sua força económica de atracção de capitais, de agrupamento dos pequenos recursos privados, facilitada juridicamente pela formação das sociedades por acções e pela generalização dos títulos de crédito, completava as condições materiais do desenvolvimento da grande industria, tornando possível pelo recurso ao crédito as grandes immobilizações de capital fixo nas empresas privadas.

A concorrência económica, exigência orgânica dum sistema que tinha como principal incentivo ao seu desenvolvimento a apropriação privada do lucro quer por uma maior exploração da mão-de-obra, quer por um mais racional aproveitamento das invenções técnicas, atingia a fase duma violenta luta para o predomínio dos mercados não capitalistas das regiões coloniais inexploradas dos continentes africano, americano e asiático, e, ao mesmo tempo, de certas regiões da Europa Continental, da base agrária não capitalista.

A concorrência reforçava o dinamismo capitalista, estendendo a todo o mundo a sua acção destruidora de toda a forma económica não capitalista, numa necessidade orgânica de expansão, de luta pelos mercados indispensáveis à colocação duma crescente produção, ou de luta pelas regiões produtoras das matérias primas exigidas pelos progressos da técnica da fabricação.

O liberalismo económico afirmava-se como uma doutrina. São derrubados todos os entraves fiscaes a um comércio livre mundial.

As grandes nações industriais da Europa confirmam politicamente as suas necessidades económicas de expansão.

Seleção de A. Fernandes

Escaravelho da batata

A Direcção Geral dos Serviços Agrícolas, do Ministério da Economia, tem recebido ultimamente, para identificação, exemplares vivos do «escaravelho da batateira», também conhecido por «escaravelho americano». Há, todavia, um ponto menor que importa esclarecer. Os insectos podem ser remetidos em qualquer embalagem (caixa de fósforos, canas, etc.), mas somente depois de mortos, por imersão demorada em petróleo.

Não há vantagem em que o escaravelho seja enviado vivo. Mas se o for, o expedidor deve fazê-lo sempre em caixas de madeira resistentes e hermeticamente fechadas, para evitar que ele possa sair da embalagem, porque o menor dano do insecto vivo pode proporcionar a disseminação fácil da temível praga no país, indo contagiar locais indômitos.

Em substituição do sr. Major Francisco Victorino Felix Cativo, tomou posse do cargo de Delegado dos Serviços de Censura em Santarém o distinto official sr. Major Valente de Carvalho.

Num officio em que amavelmente, nos comunicou a sua nomeação, o sr. Major Valente de Carvalho deitou nos palavras de apreço, que muito agradecemos, em especial no que se refere à promessa de «leal e amiga cooperação em tudo que possa dignificar a Imprensa Portuguesa».

Cumprimentamos S. Ex.ª, prometendo igualmente proceda de maneira a merecer a sua confiança e boa vontade.

Calor

Depois duns bons pares de dias de calor tropical, que bastante tem prejudicado a agricultura, a temperatura baixou bastante, voltando-nos a sentir o ar fresco da nossa terra.

Dr.ª Maria Corrêa

Gravemente doente seguiu para Coimbra a sr.ª dr.ª Maria Corrêa, distinta farmacêutica e esposa do nosso amigo sr. António André, ilustre chefe da Secretaria de Finanças do nosso concelho.

Padre Gaspar Furtado

Esteve entre nós, dando-nos o prazer da sua visita o sr. Padre Manuel Gaspar Furtado, reverendo pároco em Avelar.

Este nosso amigo vinha acompanhado do sr. Armando Duarte Moreira, presidente da Casa do Povo daquela vila.

Páginas Regionais

Com o fim de concorrer para a aproximação entre os três concelhos da Comarca—Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos e Pedrógão Grande—tem-se esforçado a *Regeneração* por interessar o escol jornalístico dos concelhos vizinhos na criação de páginas regionalistas. Já publicámos 2 páginas de Pedrógão Grande, dirigidas pelo espirito moço de Eduardo Garrido; agora é a vez de Castanheira de Pera, com colaboração remetida por um nosso amigo que se apresenta como *Repórter Regionalista*.

As páginas de *Castanheira de Pera* e *Pedrógão Grande* publicar-se-ão, alternadamente, todos os meses.

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura



notícias do concelho

Arega

Comércio ilícito de Azeite

Acusado de transportar para fora do Concelho azeite da sua produção, sem a competente autorização...

Estrada de Arega

No dia 24 do corrente, uma numerosa representação desta freguesia, foi avistar-se com o ex.mo sr. Presidente da Câmara...

Foi a voz da freguesia que foi falar a sua Ex.ª... Foi um grito que se levantou a pedir justiça!

A freguesia de Arega, é a única em todo o concelho que não tem uma estrada!... ou melhor tem uma terraplanage que durante o inverno de nada lhe serve!

Durante o verão, começa já a tornar-se intransitável, não só por estar cortada pelos carros...

Praticamente é uma freguesia — a única do concelho — isolada!

Arega quer viver... Tem direito a viver como as outras. Por isso pede justiça.

Na terraplanage gastaram-se

algumas dezenas de contos... Está o empedramento dotado pelo Estado...

Não queremos acreditá-lo Sua Ex.ª o Sr. Presidente da Câmara que, como se vê pelo seu livro "Doze Anos de Administração Municipal"...

Campêlo

Melhoramento sanitário

Nesta data foi enviada e oferecida ao lugar da Póvoa, desta freguesia, uma Maca construída com todas as modalidades mais modernas e seguras...

Castanheira de Pêra

D. Joaquina Maria Antunes Coelho

FALECIMENTO—No lugar do Troviscal, deste concelho e freguesia, faleceu subitamente na sua residência a ex.ma sr.a D. Joaquina Maria Antunes Coelho...

A extinta que contava 75 anos de idade, foi tôda a sua vida um baluarte de trabalho, e ainda minutos antes de falecer tinha estado numa das suas propriedades.

Mulher dotada dos melhores sentimentos, deixa em tôdas as pessoas que com ela conviviam a mais profunda saudade.

Era mãe dos ex.mos srs. Américo Coelho Antunes, importante industrial de lanifícios, Emidio Coelho Antunes e Artur Coelho Antunes, também industriais de lanifícios, Celestino Antunes Coelho, importante comerciante em S. Paulo (Brasil)...

O funeral que se realizou para o cemitério da vila de Castanheira de Pêra, foi muito concorrido, tendo-se encorporado no mesmo, pessoas de tôdas as camadas sociais...

A família enlutada apresentamos os nossos mais sentidos pésames.

C.

num quietismo e indiferença que é crime, ou fazem política de cacique e se cobrem de tintas, tomando côr consoante a ocasião...

O ressurgimento da Pátria, porém, em sua marcha progressiva continua. O espírito que preside e orienta a Orgânica da Nação prossegue no mesmo tom...

Está-se fazendo obra de presente com repercussão maior ainda no futuro.

Não há discursos palavrosos: falam os factos.

As obras dizem do pensamento e acção dos que presidem e vivem a doutrina do Estado Novo.

Campêlo foi dotado com mais um melhoramento, viu realizada mais uma das suas aspirações. Com justificado júbilo por isso, poderá clamar eternas benemerências e ufanar-se esta freguesia porque os seus filhos a teem sabido amar e engrandecer.

Coimbra — Julho de 1943.

M. G.

P. S. — Lembremos a propósito, — e Arega?

Região fértil, muito arborizada, com extensos e lindos horizontes, exportadora de madeiras e géneros de primeira necessidade, pròdigamente dotada pela Natureza mas, até há pouco, quasi abandonada dos poderes públicos.

Quando lhe dão estradas?

De muito necessita, e, muito se lhe daria; diga-se porém, se os seus filhos a soubessem amar e engrandecer.

M. G.

Assinar "A Regeneração" é contribuir para o bem da sua Terra

CASĂ Nesta vila, a Fonte das Freiras, arrenda se um primeiro andar, com instalações de água e electricidade, varanda, quintal e lojas. — Trata Carlos Lacerda.

Engenho, de tracção animal em estado novo, vende se. Quem pretender dirija-se a José dos Santos Oranada, Figueiró dos Vinhos.

3-3

Pesca ilicita

Por pescar indevidamente trutas na Ribeira de Alge, junto ao Sin-gral Cimeiro, foi autoado por um guarda-rios, sendo-lhe aplicada a multa de 1.250\$00 esc., Domingos Henriques Veras, residente no Ameal, concelho de Castanheira de Pêra.

E.

R.

O DESAFIO

CONTO por H. LOPES DE MENDONÇA

III

Ao longo da forte couraça de cantaria que fechava pelo lado sueste a cava da fortaleza de Mazagão, entre os baluartes Santo Espírito e Santiago, havia um extenso areal, que era em grande parte coberto pela preamar.

do palácio do govérno, e naquele momento abarrotada de povo, mais atraído ainda pela curiosidade do que pela devoção. Quando o frade franciscano, que celebrava o santo sacrificio, se voltava para dar a benção, vieram prevenir o capitão-mór de que o alcaide de Azamor o aguardava na praia, com o adversário de Domingos Gonçalves.

Terminada a missa, todos se aprestaram para assistir ao combate, interessante e festivo como um torneio, mas tanto mais emocionante quanto deveria terminar-se pela morte de um homem e nele se degladiavam duas raças e duas religiões, rivais na conquista do mundo. Em breve, a soberba cavalgada dos cristãos assomou à porta abaluartada que comunicava com a terra, a meio do largo do muro sudoeste, que corria entre os baluar-

tes S. Pedro e Santo Espírito. As patas dos cavalos reboaram longamente sobre as tábuas da ponte levadiça, e as côres garridas dos trajes de gala espelharão-se na água dormente do fosso. Quando os portugueses chegaram finalmente à praia, um magnifico espectáculo se lhes deparou.

A uns duzentos passos para leste do baluarte Santo Espírito, uma longa fila de cavaleiros sarracenos montavam garbosamente os soberbos ginetes ajaezados a capricho com telizes, de seda e arreios tauriados de ouro e prata. Nas duas azes formavam esquadrões de lanceiros, e as suas armas relampejavam em torno dos estandartes e guifões, vermelhos, verdes e brancos, cujas hastes rematavam em pomos dourados. Mangas de peões, arcabuzeiros de Azamor e bêsteiros da Ducala e da Enxovia, ladeavam a cavalaria. E uma turba inumerável de gente do povo, homens, mulheres e crianças, brancos, pardos e negros, árabes e barbères das cidades vizinhas, beduinos dos aduares que se estendiam até às faldas do Atlas, alganames das campinas regadas pelo Um-er Rebia, alarves das

cabildas comarcãs quasi autónomas, pescadores, judeus mercadores, velhas feiticeiras, tudo se aglomerava, endulava, zumbia à direita e à esquerda da hoste impassível. Zorames de côres vistosas, alquicés pardacentos, caftans de seda, aljubas de lã e algodão, albornozes brancos, haiques vermelhos, amarelos, verdes, azuis, turbantes, fotas e carapuças de vários feitios e variegados matizes, agitavam-se numa confusão indescritível, debaixo de um sol esplêndido, sobre o oiro fôcco do areal imenso.

Mas era o centro que absorvia as atenções dos cristãos. Destacava-se, um pouco à frente, o velho alcaide Cabus, cuja barba grisalha caia em cima do cossolote lavrado; um farto penacho vermelho o distinguia, jorrando sobre o almafie de aço polido. Rodeiava-o a fina flôr da cidade das Oliveiras, a mocidade nobre daquelas carcaças, zeques, haquemes, almocadêns, algogavares das mais distintas famílias da Ducala, em opulentos trajes de guerra e de festa, cossolotes e saias de malha, couraças de veludos e brocados multicores, capacetes deitados, aljubas de escaflata,

adargas guarnecidas de cordões de oiro e seda. E os seus corcêis escavavam a areia, sacudindo os jaezes riquíssimos.

Quando a cavalgada portuguesa surgiu aos olhos da mourama, do-brando o alongado espigão do baluarte Santo Espírito, o campo retumbou ao clangor dos anatis e ao estridor dos atabales. O capitão-mór, com a sua gente, cavalgou até se encostar à cortina da cava, próximo ao ângulo sul da fortaleza, frente a frente com os mouros. As suas trombetas e os seus tambores responderam vigorosamente à saudação dos adversários. E a sua hoste, embora resumida, não desmerecia dêle nos primores do vestuário e no luzide das armaduras. Alguns moradores de Mazagão, portugueses e mouros, lhe ocupavam também os flancos; mas a maior parte da gente da fortaleza encostava-se ao parapeito dos muros, erguia-se nos adarbes entre as ameias, ou espreitava pelas seteiras, onde o condestável, por ordem de Francisco de Barros, assestara por cautela a artilharia, dispondo os bombeiros para qualquer possível eventualidade.

(Continua)

### Ao crepúsculo...

Vou contar-te um facto passado há já bastantes anos, agora que a noite desce mansamente, com carícias suaves, acendendo lá no alto miríades de lanterninhas.

Quis o destino que eles travassem conhecimento naquela vilazita serrana onde ele passava todo o ano debruçado sobre o «Razão» e o «Caixa» a fazer lançamentos, a alinhar algarismos, e ela fôra procurar repouso para o corpo que vergava qual arbutto quebradiço.

Jorge apaixonou-se. Aos seus olhos ingénuos de sonhador, Nela, doce figurinha de Watteau com traços delicadíssimos no rosto marfíneo, tomou proporções de santa.

Quis lhe como tal, sem vibrações da carne, numa adoração quasi mística que havia de degenerar em sentimento profundo e obscuro...

Ela prendeu-se-lhe também. Amava-lhe os olhos de jade com cintilações de oiro; adorava-lhe o sorriso quasi infantil — um luar de graça que lhe escorria dos lábios finos iluminando-lhe o rosto de linhas feminis. Era mesmo por certo que femiãil e frouxo que ela lhe queria assim, com uma ternura não precisamente de noiva mas de irmã.

Na quietude da vila de casas branquinhas, airosas, Jorge e Nela viviam o seu romance e as asas do seu affecto esvoaçavam...

Mas um dia Nela partiu e Jorge curvado sobre o Deve e o Haver sonhava, sonhava interminavelmente, os olhos magoados de saudade.

Nela, ao partir, passara-lhe os longos dedos pálidos pelo cabelo, acariciando-o como se acaricia uma criança doente. E Jorge chorara... Apertava-lhe dolorosamente o coração o pressentimento de que a ia perder.

A principio as cartas dela, cheias de ternura, vinham regularmente trazendo-lhe esperança em dias de luminosa felicidade. Depois... o carteiro deixou de lhe pôr nas mãos trémulas um envelope azul com minúsculos, elegantes caracteres.

Pobre moço! O affecto de místico transmutara-se. Uma paixão ansiosa, absorvente, extenuava-lhe o coração, fatigava-lhe os olhos que a buscavam inquietos por toda a parte onde houvesse uma flor ou um ninho, uma coisa pequenina e harmoniosa.

Adoeceu. Passaram dois anos e Jorge — um Jorge mais pálido, mais triste, que assim ficara de doença — encontrou-a, uma noite, no casino duma praia. Nela estava esplêndida no seu riquíssimo vestido de baile. Deslumbrou-o.

Sentiu o coração bater violentamente. Ela sorria e parecia envolver a todos naquele sorriso divino.

Quis aproximar-se para lhe resar, doido, o seu inextinto amor mas uma força estranha o acorrentava. Decorreram minutos. A orquestra começou um tango e um homem novo, impe-

(Continua na 4.ª página)

## CASTANHEIRA DE PERA

### E SEUS ASPECTOS GERAIS

O muito que se tem dito acerca de Castanheira de Pera nestes últimos anos quasi nos impede de escrevermos algumas palavras para a simpática página que o jornal *A Regeneração* dedica ao seu concelho, pois receamos repetir-nos ou repetir os outros. Contudo, não deixaremos de prestar o nosso concurso muito modesto no sentido da referida página ser uma realidade, pois que a sua criação tem em vista um maior conhecimento de Castanheira de Pera, propagando-a através de Portugal, pelo menos, elevando longe o seu nome e as suas belezas naturais. Talvez devido, em grande parte parte, à sua situação geográfica, este concelho é um pouco desconhecido no nosso país. Não é a primeira vez que deparamos com pessoas que nunca dêle ouviram falar. Isto seria indiferente, se Castanheira de Pera fôsse um concelho de pequena importância ou se a própria vila não tivesse coisas que merecessem uma visita apreciável. Pelo concelho fora, sob o ponto de vista panorâmico, há locais duma beleza inédita, arrebatadores pelo encanto da paisagem e beneficentíssimos pela salubridade do clima. Dentre eles, temos de pôr no primeiro plano o alto da serra da Louçã, no local onde se ergue uma pequena Capela, conhecido pelo nome de Santo António da Neve. Daí disfruta-se, a perder de vista, o mais bonito panorama que pode imaginar-se. A's montanhas que se vêem ao nosso redor, seguem-se alguns plainos, limitados, ao longe, por novas serranias e ainda mais lá, pelo próprio mar. Na nossa frente ergue-se a magestosa serra da Estréla, com o seu alvo manto de neve a dar a ilusão duma proximidade enorme. A serra do Buçaco, com os seus cedros seculares, impressiona pela sua grandeza e graça.

Olhando pelo sul, enxergava-se no horizonte os contrafortes e cimos dos relevos que se guem a Guardunha aos Candieiros. Como já dissemos, é este o ponto culminante da beleza natural do concelho de Castanheira de Pera.

#### Grémio dos Industriais de Lanifícios

Este organismo a cuja direcção preside o industrial sr. Manuel Barros, tem procurado, tanto quanto lhe tem sido possível, zelar pelos interesses dos industriais seus agremiados, porém, dificuldades da hora presente, tem prejudicado a sua acção. Há o importante caso das matérias primas que se torna urgente solucionar de forma a não prejudicar a indústria e o pessoal que dela vive. Sabemos bem que não é ao Grémio que, directamente, cabem culpas pelas deficiências que se vem notando, porém, é a êle que compete proceder de forma a, junto das Entidades superiores, zelar pelos interesses da indústria da região.

#### Grémio do Comércio

Pelo senhor Sub Secretário de Estado das Corporações foram aprovados os Estatutos do Grémio do Comércio de Castanheira de Pera o qual, consequentemente, vai entrar em actividade e oxalá que o faça a bem dos interesses locais.

A vila em si, no seu aspecto global é interessante. Disposta em anfiteatro, recebe o Sol do Nascente ao Meio dia. Não podemos dizer que o seu urbanismo haja sido extremamente cuidado, mas ainda assim, levantam-se edificios elegantes no seio dos aspectos banal. Um elemento de grande atracção existe, contudo, na vila de Castanheira de Pera, devido ao primor com que foi realizado: é o Jardim Público. São sem dúvida lindos muitos dos jardins de Portugal, mas quem não viu uma vez, pelo menos, o de Castanheira de Pera, não pode dizer com propriedade que viu tudo quanto a este respeito interessa. No recinto do Jardim a Casa da Criança e Ninho dos Pequenos, são dignos de demorada visita e apreciação. Nada de melhor se encontra por este Portugal além.

Propositadamente, guardámos para o termo do nosso escrito a importância industrial de Castanheira de Pera, posta em relêvo já tantas vezes em algumas dezenas de artigos, alguns dos quais publicados neste mesmo jornal e subscritos por pessoas que se dedicaram, duma forma especial, ao estudo do que foi e é a indústria de lanifícios da região. Já há bem mais de meio século que se criaram na Ribeira de Pera as primeiras fábricas de lanifícios, por iniciativa exclusiva, segundo cremos, do Visconde de Castanheira de Pera. O seu desenvolvimento acentuou-se de ano para ano e, presentemente, o centro fabril castanhense é considerado o terceiro de Portugal, o que lhe dá direito a possuir a sede dum Grémio de Lanifícios e dum Sindicato para o pessoal da sua indústria.

Duma maneira geral dissemos o que é Castanheira de Pera. Em pormenor é muito mais. Este pormenor ficará para melhor oportunidade, precisamente para quando tivermos mais tempo de que disponhamos.

Terminamos desejando que a presente página atinja o fim útil a que se propõe e satisficando efusivamente os seus orientadores.

A. Saraiva

#### Doze anos de Administração Municipal

Pelo seu autor, sr. dr. Manuel Simões Barreiros, prestigioso presidente da Câmara de Figueiró dos Vinhos, foi-nos entregue pessoalmente, com amável dedicatória, deferência que muito agradecemos, o li-

vro de sua autoria com o título que encima esta local e no qual se aprecia a sua valiosa acção em prol do desenvolvimento da ridente vila de Figueiró dos Vinhos a qual tem dedicado uma boa parte da sua vida.

### Mélita

*Olhos azuis, meiguitos, graciosos,  
Num rostozinho de anjo encantador.  
"Cachos", doirados, longos, caprichosos,  
Sorriso lindo como linda flor.*

*Vozita mansa, pura, cristalina;  
Dentinhos brancos, brancos, de marfim.  
Boca gentil, camélia pequenina  
A rescender aromas de jasmim.*

*E' uma "senhora", ajuizada e séria  
Com laços de oiro no cabelo de oiro  
E vestidinho duma graça etérea.*

*Três, quatro palmas... não medirá mais  
Esta boneca linda, êste tesouro  
Que traz suspenso o coração dos Pais...*

Castanheira de Pera—1942

Maria da Saúde

### Écos & Comentários

#### Governador Civil

Visitou esta vila no passado dia 29 o ex.<sup>mo</sup> sr. Governador Civil do distrito, dr. Mário de Vasconcelos, que vinha acompanhado pelo sr. Comandante de Policia de Leiria. Depois de terem almoçado em casa do industrial sr. Manuel Alves Ceppas, presidente da Câmara deste concelho, houve uma reunião nos Paços do Concelho juntamente com a Comissão Concelhia da União Nacional para tratar de assuntos referentes à política local.

#### Sindicato N. P. I. Lanifícios

Este Sindicato local, à frente de cuja direcção se encontra o sr. Eduardo Silva, tem vindo desempenhando uma acção benéfica em prol dos seus associados. Assim é que, tendo sido suspensos provisoriamente pela Caixa Sindical de Previdência os subsídios de Invalidez e Velhice, a instâncias do Sindicato conseguiu-se o deferimento dos processos em curso, o que vem beneficiar muitos lares.

Espera o Sindicato conseguir tratamento semelhante para os desempregados, cujos subsídios se encontram suspensos, em virtude do seu deferimento estar pendente de parecer da Comissão Corporativa.

#### Banda de Música

A Banda de Música de Castanheira de Pera, segundo nos consta, vai sair já com a sua nova farda de cotim. Orientada presentemente pelo Sindicato de Lanifícios que a mantém, encontra-se já com 37 elementos, pelo que se espera que dentro em pouco se torne um agrupamento artístico que honrará a nossa terra. Sabemos que a farda foi feita com fundos conseguidos por subscrição, mas que estes não chegam ainda para completar o seu pagamento e, por isso, pedem-nos para que chamemos para o caso a atenção dos Castanhenses e Amigos de Castanheira para concorrerem com o que lhe fôr possível para este fim.

#### O Castanhense

Este jornal local, apresentou-se recentemente com novo formato continuando a defender os interesses locais, como era seu antigo lema. Está presentemente a ser orientado pelo sr. Adriano Sebastião José Coelho que também é seu co-proprietário. Desejamos-lhe longa vida.

#### Quatro de Julho

No próximo dia 4 de Julho passa mais um aniversário da fundação do concelho de Castanheira de Pera.

#### Festa da Bestosa

No primeiro domingo de Julho, dia 4, realizar-se-á, como nos anos anteriores, a festa da Bestosa, em honra de Santa Luzia. Será abrilhantada pela Banda de Música desta vila.

CASTANHEIRA DE PEIRA

CARREIRA DIARIA DE PASSAGEIROS

BOLO-LISBOA

Castanheira de Pera, Figueiro dos Vinhos, Pontão, Cabaços, Tomar, Entroncamento, Torres Novas, Santarém e Lisboa

Concessionário: Manuel Simões Barreiros & Irmão, L. da

Sede—FIGUEIRO DOS VINHOS—Telefone 5

Table with columns: Cheg., Part., Bolo, Figueiro dos Vinhos, Pontão, Cabaços, Tomar, Entroncamento, Torres Novas, Santarém, Pernes, Vila Franca de Xira, Sacavem, LISBOA.

Carreira entre Bolo e Coentral

Table with columns: Cheg., Part., Coentral, Bolo.

Garage em Lisboa: AUTO-LYZ—R. da Palma—Tel. 2136

EMPRESA DE CAMIONAGEM

A. J. ALVES & C.

Maçãs de D. Maria

HORARIO DAS SUAS CARREIRAS

Table with columns: CABOÇOS-COIMBRA DIARIA, ANCIÃO-COIMBRA, Chegada, Partida.

Table with columns: Pontão-Pombal, Chegada, Partida.

(Não se efectuam nos dias 25 de Dezembro, 1 de Janeiro e dias de Carnaval) 24-3 Paragem em Coimbra, na AUTO GARAGEM. Telefone 701



GRÉMIO DA LAVOURA F. Vinhos C. Pera - P. Grande SEDE FIGUEIRO DOS VINHOS

Festa de Pera

A festa anual em honra de S. Sebastião que usa realizar-se neste antigo lugar do nosso concelho, será efectuada este ano no dia 18.

Dr. Augusto Barreto

Chegou a esta vila estando hospedado em casa do sr. Manuel Alves Ceppas o sr. dr. Augusto Barreto, antigo director geral da assistência.

Desceu a noite de todo.

Ainda não sentiste este suavíssimo aroma de cravos naqueles cravos cor de fogo que sonham ali na sacaja fronteira? Escuta! Não! O perfume vem da maravilhosa Serenata de Schubert que o rádio atrai à noite platinaada...

Castanheira de Pera, Junho, 43

Maria da Saúde

Aviso aos viticultores

Informam-se os viticultores de que os requerimentos com pedidos para as diversas práticas de plantio de vinha, ao abrigo da legislação em vigor, devem dar entrada na Direcção Geral dos Serviços Agrícolas ou nas diversas Brigadas Móveis do Plantio da Vinha até ao dia 15 do corrente mês de Julho.

Estes requerimentos devem ser acompanhados de uma cópia em papel comum.

Aos requerimentos entrados posteriormente à data mencionada só será dado seguimento pelos Serviços depois de 15 de Julho de 1944.

Sulfato de cobre

Vai dar-se inicio dentro de breves dias ao 5.º escalão de distribuição do sulfato de cobre para tratamento das vinhas, o qual representará a satisfação de mais 10% das necessidades consideradas normais de cada vinicultor.

Com esta distribuição, que é a última nesta campanha, atingiu-se a satisfação de 8% das necessidades consideradas normais, resultado que deve considerar-se bastante favorável, dadas as dificuldades actuais para a obtenção de sulfato de cobre.

Manifesto de lãs

Chama-se a atenção de todos os produtores de lãs para até ao dia 15 do mês corrente fazerem os manifestos das lãs de que são possuidores.

Os respectivos impressos podem ser requisitados ao Instituto Nacional de Estatística ou na sede do Grémio e Casas de Lavoura de Castanheira e Pedrogão Grande.

As faltas ou inexactidões dos manifestos serão punidas pelo disposto no Decreto-Lei n.º 31.564, de 10 de Outubro de 1941.

na acção de processo especial para divisão de coisa comum que lhes move, e a outros, João de Barros e mulher, das Vacalouras, daquela freguesia, sob pena de se proceder imediatamente à nomeação de peritos. Figueiro dos Vinhos aos 23 de Junho de 1943.

O chefe da 2.ª secção Joaquim José da Conceição Júnior

Verifiquei a exactidão O Juiz de Direito Themudo Machado

O Jornal «A Regeneração» n.º 538 de 3 de Julho de 1943

Ao crepúsculo... Ecos & Comentários

cável no seu smoking, moreno e esbelto, tomou-a nos braços.

A seu lado uma voz qualquer murmurou: «repare naquele par... veja que harmonia de ritmos. São casados...»

Ela sorria ainda, feliz, e parecia envolver a todos na gaze da quietude sorriso divino.

Jorge safu, a cabeça escalfante, o coração pulsando loucamente. Pensou como seria bom adormecer e não voltar a acordar. Imaginou mil loucuras...

Mas... na vida há destas coisas... Não, minha amiga, não morreu. O outro era moço e forte. Salvou o seu orgulho e o despeito. Não te admires... viste esse homem gordo que passou com dois garotos pela mão? É Jorge... em casa tem mais seis, um ranchinho. Curou o completamente o sim sacramental e o fogo dos olhos negros dum prima afastada.

«E Nela?»

Nela, a doce figurinha de Watteau com traços delicadíssimos no rosto marfilneo, embarcou com o marido, um engenheiro de talento, para a longuíqua Timor.

Ná vida há coisas assim... há-as ainda piores.

NOTAS A' MARGEM...

(Continuação da 6.ª página)

entrou no sistema de administração antigo.

El pergunta finalmente o leitor: esses quadros da miséria, essas penas de dor que se estadeiam a nossos olhos, não significam impossibilidade de resolver o problema por seus próprios meios? Pela beneficência particular?

Sim e não. Hoje em dia, com o progresso vertiginoso da técnica, substituído a mão de obra pela máquina, de tal forma se limitou o trabalho, que milhares de braços, sobretudo nos grandes centros populacionais, foram lançados na necessidade. A miséria tornou-se assim uma consequência da política económica dos povos, assume proporções, tão vastas que não pode resolver-se só por organizações privadas. É a hora da intervenção do Estado. Somo? Exterminando as causas da miséria por leis eficientes; fortalecendo a resistência espiritual e física do individuo; dando-lhe alegria de viver; reintegrando no processo económico todos os que são capazes de trabalho.

Directamente, não interessa ao Estado o bem-estar de cada um, mas o da comunidade; não lhe interessa o individuo com as suas neces-

sidades e pretensões, mas o povo no seu conjunto. Para além da esfera de influencia imediata do Estado, fica portanto o campo de acção da Beneficência para melhorar uma má situação económica individual, aliviar os desprotegidos, sofrer com os que sofrem, alegrar-se com os que se alegram. É dever do Estado ampará-la, aproveitá-la na luta contra esse quadro vergonhoso que oferece à nossa sociedade uma multidão de pedintes esfomeados e esfarrapados, mas nunca absorvê-la ou sobrepor-se-lhe. A beneficência exercida pelo Estado seria um acto administrativo de governo. Exageraria por cálculo os cuidados que prodigalizasse. Seria abundante de palavras e escassa de obras. Poderia haver pontualidade e exactidão, mas faltar-lhe-ia uma coisa que nada supre, com nada se apaga:—O Amor.

A filantropia é a moeda falsa da caridade. Para os grandes actos de caridade, exige-se desprendimento de todas as coisas, até de si mesmo. E isto só o topamos nos institutos religiosos de beneficência, onde se começa pelo desprendimento da própria vontade.

C. D.

Anuncio TRIBUNAL DA COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS

Editos de 120 dias

1.ª Publicação

Faz-se saber que por este último domicílio no lugar da juízo e sua 2.ª secção, correm Sapateira, freguesia e concelho editos com a dilação de 120 dias de Castanheira de Pera, desta dilação, contados da segunda e comarca, para em dez dias últimos publicação deste anúncio, num jornal da comarca, circular, contestar o pedido feito

tando Manuel Tomaz Henriques, por si e como representante legal de seu filho menor Alfredo Tomaz Henriques, actualmente ausentes em parte incerta do Brasil e com o seu

**c a r t a z**  
secção de publicidade

O anúncio é a maneira mais e económica eficaz de firmar os negócios — (Sir Charles Higham)



**BERLIM**

**A ALEMANHA FALA!**  
ACTUALIDADES EM LINGUA PORTUGUESA

Horas					
12.30 às 14.00	«Hora portuguesa»	DZE	24.73m	12.130	Kejs
14.00	Noticiário	DZE	24.73m	12.130	Kejs
19.45	Noticiário	DJC	49.83m	6.020	Kejs
21.30	Noticiário	DXR	25.51m	11.760	Kejs
21.45	Noticiário	DXU9	31.28m	9.590	Kejs
22.15	Noticiário e Tema do dia	DJI	41.15m	7.290	Kejs
22.15	Noticiário e Tema do dia	DJC	49.83m	6.020	Kejs
22.15	Noticiário e Tema do dia	DXR	25.51m	11.760	Kejs
22.15	Noticiário e Tema do dia	DZC	29.16m	10.290	Kejs
22.15	Noticiário e Tema do dia	DXU9	31.28m	9.590	Kejs
22.15	Noticiário e Tema do dia	DJI	41.15m	7.290	Kejs
23.30	Noticiário e Nota do dia	DXU9	31.28m	9.590	Kejs
0.45	Noticiário	DXX	48.86m	6.140	Kejs

**Joaquim J. Fernandes**

Medico Municipal

Clinica geral  
Doenças das crianças  
Figueiró dos Vinhos

**J. Rodrigues de Oliveira**

Doenças de Pulmões  
Partos  
Clinica Geral  
Consultório e residência:  
Figueiró dos Vinhos

**Domingos Duarte**

Medico da Casa do Povo  
Figueiró dos Vinhos

**João Leal da S. Tendeiro**

Médico Veterinário Municipal  
Clinica Geral  
Operações e Vacinações  
Figueiró dos Vinhos

**CONSULTORIO DENTARIO**

**A. MARTINS NUNES**  
DOENÇAS DA BOCA E DENTES :- DENTES ARTIFICIAIS

Consultas às **Sextas-feiras** e aos **Sábados** até ao meio dia

Praça **JOSÉ MALHOA**  
Figueiró dos Vinhos

Reabriu o seu consultório na primeira quarta-feira de Outubro

Consultório em Coimbra na Rua Ferreira Borges, n.º 8

**A. Teixeira Forte**

ADVOGADO

Figueiró dos Vinhos

**J. M. Albuquerque Dias**

ADVOGADO

Figueiró dos Vinhos

**Alvaro Amorim Pinto**

Advogado

Castanheira de Pêra

Em **PEDRÓGÃO GRANDE**:  
todas as segundas-feiras

**A. Teixeira Marques**

ADVOGADO

Telef. 13 — Castanheira de Pêra

**Galeria de Lisboa**

Exposição permanente de quadros a óleo de bons autores, aguarelas, gravuras antigas a côr e a preto, desenhos, litografias, estampas, mobílias, porcelanas, faianças e objectos de arte antiga e moderna

Aberta das 14 ás 19 horas

Largo de Arroios, 273, 1.º

Telefone 46873

(Antigo-Palácio do Conde da Guarda)

**LISBOA**

**Manuel Simões Barreiros & Irmão, L.da**

Armazém  
de  
Lanifícios

**Figueiró dos Vinhos**

**Galeria Portugal, L.da**

EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE QUADROS  
ANTIGUIDADES E OBJECTOS DE ARTE

Rua D. Pedro V, 66 e 68 — **LISBOA**  
Telefone 2 7330

**Gustavo Coelho Godet**

MODAS, FAZENDAS BRANCAS, MALHAS E MIUDEZAS

ESPECIALIDADE EM PANOS BRANCOS,  
FAZENDAS DE LÃ E ALGODÃO

Completo sortido para enxovais de casamento; chales,  
lenços de sêda e de lã

ARTIGOS PARA BORDAR; ALGODÃO E LÃS EM FIO

Meias, camisas, chapéus e bonés; sempre novidades

Preços fixos sem competência

**Figueiró dos Vinhos**

**PENSÃO COMERCIAL**

Mesa esplêndida :- Quartos muito higiénicos

Quarto de banho com água fria e quente

**Figueiró dos Vinhos - Telefone 9**

**Mesquita & Irmãos, L.da**

Sapataria

Papelaria

Artigos de novidade

A casa do género mais bem sortida do norte do Distrito

**Figueiró dos Vinhos**

**Banco Espírito Santo**

e **Comercial de Lisboa**

SEDE — **LISBOA**

**Filiais**—Braga, Coimbra, Covilhã, Faro e Porto.

**Agências**—Abrantes, Estoril, Gouveia, Mangualde, S. João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozendo e

**Figueiró dos Vinhos**

Todas as operações bancárias

**GÉLO**

VENDE - SE qualquer quantidade na Misericórdia de Castanheira de Pêra

**Escola de Corte Luc**

RUA ADELINO VEIGA, 14-1.º  
**Coimbra**

Professora diplomada ensina curso geométrico completo, habilitando a executar vestidos e casacos e roupas interiores de senhora e criança e roupa interior para homem, em 33 lições. Também ensina costura e vai a casa das alunas.

Para informações, dirigir à ex.ª sr.ª D. Hermia Lopes da Silva—Figueiró dos Vinhos.

Serviço permanente

EM

**Automóvel de aluguer**

Telef. 9

**Alfredo David Campos**

**Café Central**

**Figueiró dos Vinhos**

## PROSEGUINDO

A época de exames

## A tocadora de harpa

Prezadíssimo camarada García Martins: Não me foi possível, por motivo de doença, retomar no último número a pena para responder às suas luminosas palavras, não pelo sistema de responder sempre às cartas que nos são dirigidas — e nisto já terá reparado, e, peço, me desculpará, que sou um desenhouro —, mas sim porque nela se suscitou dúvida que supunha a clareza das na minha «conversa amena.»

Não é minha intenção repetir os argumentos já expostos; torna-se, porém, necessário completar alguns pontos para a clara compreensão do que vejo que sem e conseguir cabalmente — tentei pôr em evidência.

**1.º ponto.** — Não pretendo concluir que poesia e plástica se confundem num conceito comum, — mas apenas (o que é muito diferente) numa mesma origem concepcional; isto é, da mesma maneira que a visão de determinada cena, a leitura dum trecho emotivo ou a exposição dum quadro originam emoções diferentes, dependentes dos temperamentos diversos e diversos gostos, uma emoção de natureza semelhante e idêntica origem se pode explicar poética ou picturalmente. E, como na sua gênese há factores, é lógico que originem no leitor ou no espectador sensações afins, — mas sem que fatalmente o conceito da pintura abstracta ou de representações mais ou menos abstractivas esteja absolutamente integrado no conceito da poesia. «E, como obras comuns pela origem mas diferentes pelos meios de expressão, pela técnica e pela realização, podem ser sentidas de maneira diferente, se não oposta; quero dizer, pode ser se avançado no campo da pintura e, ao mesmo tempo retrógrado no da poesia, e vice-versa. Não se trata duma atitude paradoxal, mas apenas humana, — no sentido em que o homem se sente diveramente solicitado pelo mundo exterior e pela expressão simbólica do que vê, do que pensa,

do que sente. Seria, de facto, mais lógico que um artista, simultaneamente poeta e pintor, coordenasse estas duas actividades num mesmo plano conceptivo e de realização, — porquanto as revoluções literárias, dum modo geral, têm sido acompanhadas de perto pelas plásticas. Porém, entra o alógico — que será o caso de García Martins poeta e artista plástico em planos de concepção artística diferentes —, e o paradoxal há um abismo da mesma ordem do que separa a saúde mental da insanidade.

**2.º ponto.** — Ao definir o dimensionamento como «a base da escola poética que quer conjugar os elementos poéticos com os pictóricos,» não fiz mais que focar os poemas dimensionistas que António Pedro introduziu entre nós, — caracterizados não só pela interpenetração de desenhos abstractos e frases poéticas, como até pela disposição particular do verso: versos em semi-circulo, versos ondulados, etc.

**3.º ponto.** — Confessando ter procurado novos ritmos para a poesia, exemplificados com a transcrição parcial dum poema seu, o meu prezado amigo não fez mais do que se integrar no conceito modernista de fuga àquilo a que uns chamam ritmos eternos e outros formas já gastas, estafadas, caquéticas. Apesar-dessa fuga se exprimir em versos com todas as características clássicas formais (acentos tónicos na 5.ª e 11.ª sílabas, de ritmo já usado por Gil Vicente:

*Em nome daquele que rege nas praças  
d'Anvers e Medina as feiras que tem  
começa-se a feira chamada das graças  
á honra da Virgem parida em Belem.)*

mostra já uma aproximação das formas modernistas de que talvez se não tenha apercebido. Trata-se mais duma questão de quantidade que de qualidade.

Amigo e admirador

João Tendeiro

Está prestes a atingir o seu termo a época terrível para o estudante português, para a criança que, adornada com os seus melhores atavios e envergando o seu fato dos dias solenes, se apresenta perante os seus examinadores receosa e tímida, e para o mancebo que no liceu ou nos vários e múltiplos estabelecimentos de ensino vai pressuroso descarregar melhor ou pior toda a carga de conhecimentos que conseguiu adquirir durante o ano lectivo que ora finda.

E' a época das «raposas» sóe dizer-se em calão académico, quer dizer, é a época dos triunfos, dos insuccessos, dos receios e das sortes.

Assim, o estudante cumpridor e aplicado, aquêle que se dedica e versa os assuntos do seu programa com vero conhecimento de causa, possuído de toda aquela dose de segurança e de entusiasmo que lhe faculta a sua sabedoria apresenta-se no dia marcado perante o seu júri com magestade e com absoluta confiança na recompensa dos seus porfiados esforços.

O estudante cábula que recioso e a medo vai dar o corpo ao manifesto no dia da prestação das suas provas, aventura mil hipóteses e conjecturas sobre a finalidade do lance arriscado a que vai submeter-se e lembrando se que as «raposas», só foram feitas para os estudantes, resigna-se e espera da sua boa sorte ou do seu azar a consequência da sua indolência e da sua falta de vontade.

Muitas vezes o expediente e a inteligência suprem a falta de conhecimentos e o bravo não se deixando vencer pela inércia, aventa soluções mais ou menos fundamentais para os problemas propostos e procura assim entupir a perspicácia do júri que o julga e lhe dará o beneplácito final.

«Audácia fortuna juvet», já o faziam os romanos e hoje em dia todas as manifestações da actividade humana se subordinam áquêle asserto clássico. E neste caso a audácia traz algumas vezes a boa sorte.

O estudante cábula que triunfa mete verdadeiramente uma lança em Africa; aquêle que é vítima dum insuccesso recebe a notícia com tristeza mas com resignação e desculpa-se dizendo se vítima duma perseguição ou duma «galinha» terrível e premete para se vingar estudar cada vés menos. Não vos parecerá, presados leitores que tivestes a paciência evangélica de me ler, uma vingança interessante, uma vingança só própria dum génio?

O' tocadora de harpa, se eu pudesse  
Beijar teu gesto, sem beijar-te as mãos,  
E beijando-o descesse p'los desvãos  
Do sonho, até que enfim eu o encontrasse

Tornado gesto-puro, gesto-face  
Da medalha sinistra—reis cristãos  
Ajoelhando, inimigos e irmãos,  
Quando, processional, o andor passasse...

O teu gesto que arrepanha e que extasia  
O teu gesto completo—lua fria  
Pairando,—e em baixo, negros, os juncais...

Caverna en stalactites, o teu gesto!...  
Ah! não poder prendê-lo fazer mais  
Que vê-lo e que perdê-lo... E o sonho é o resto!

Fernando Pessoa

## Notas à margem...

O Evangelho oferece-nos um quadro bem digno de admiração... Dum lado, um mendigo rico em misérias, carregado de sofrimentos, coberto de chagas, que pede umas migalhas de pão à porta dum palácio; do outro, um rico vestido de luxo, servido com fausto, soberbo, altivo, inchado de orgulho que o ouve mas não se comove...

E' Lázaro e o mau rico. A pobreza e a Avareza.

Senti há dias este quadro em toda a sua nudez, quando numa das ruas de Coimbra vi uma senhora, respeitável pela idade, impondo-se pela sua modéstia, vestida de preto, alta, delgada, rosto macilento, sulcado de rugas, olhar triste, abeirar-se dum colosso da finança, alto industrial e grande proprietário, a pedir uma esmola por amor de Deus...

O rico ouviu-a... mas não se comoveu!... E passou adiante... a deleitar os olhos nos seus grossos capitais... sangue dos pobres... E aquela velhinha foi, como Lázaro, humildemente, bater a outra porta...

Decorreu-me então aquela frase lapidada de Pio XII:—a pobreza é sagrada e honrosa, se for cristãmente aceite; a riqueza é cheia de responsabilidade por causa dos deveres que impõe para com os pobres.» E decidi-me a uma conversa mansa com os leitores.

O pobre tem direito como o rico tem deveres. O rico é, por justiça, obrigado à compaixão para com o pobre—a socorrê-lo, a ampará-lo. Por isso o Supremo Juiz, pondo de lado outros motivos, exprobará ao mau rico a dureza do seu coração:—«Tive fome e não me destes de comer. Tive sede e não me destes de beber.»

A assistência ao pobre, é não só um acto de justiça individual, mas uma exigência de hygiene social. Onde predomina um estado de miséria, agrava-se sempre a ameaça de propagação de doenças e o desinteresse pela vida... a fuga da vida...

O homem moderno, descristianizado, quando a necessidade se torna um fardo insustentável, não encontrando felicidade na virtude, pergunta si mesmo se a vida vale a pena viver-lá, e transmiti-lá... E o suicídio é muitas vezes o desfecho

(Continua na 4.ª página)

## Para os nossos pobres

Pelos ex.ºs srs. Joaquim Rodrigues e José dos Santos Fernandes, naturais da Póvoa, freguesia de Campêlo, e residente em Lisboa, oferta vai mitigar um pouco, os nossos remetida a quantia de 20\$00, nossos melhores agradecimentos.

## PUBLICAÇÕES

Beira Litoral, suplemento especial do Diário de Coimbra.

O Diário de Coimbra, acaba de publicar um número especial dedicado aos concelhos da Beira Litoral. Entre as diferentes actividades focadas, salientamos a dedicada ao nosso concelho, em que são apontados, com pormenores que sintetizam as realizações globais, o que se tem feito e está fazendo em Figueiró dos Vinhos, — na Câmara Municipal, Casa do Povo, Grémio da Lavoura, Grémio do Comércio, Misericórdia, etc..

Transcrevemos as oportuniíssimas palavras que são como que o fecho de ouro à nota sobre as actividades camarárias, da Presidência do nosso Director, sr. dr. Manuel Simões Barreiros.

«Deixo a linda vila com saudades. E' ao alvorecer duma manhã radiosa, cheia de perfumes e cânticos. A população, na sua maioria, repousa ainda.

Passo pelo Parque, em visita de despedida.

Sorriem nos canteiros as rosas de veludo. Canta nos lagos a água dos repuxos. Um melro madrugador gorgoeja alegre, entre a folhagem dos plátanos frondosos.

Atravesso depois as ruas limpas, airoso, no momento pouco monos que desertas.

Na principal, com letras de ouro, vejo de novo a tabuleta indicativa: «Rua dr. Simões Barreiros.»

El fico-me a pensar que a justiça que já hoje se dispensa a este homem, há de ser maior ainda, quando os apóstolos passarem, quando a calma reina nos espíritos, quando se compreenda, sem paixões sem ódios, sem impulsos retaliados, toda a grandeza duma tarefa digna da maior admiração em todos os seus aspectos. J. C.»

A situação da Igreja Católica em Polónia Ocupada.

Da Legação da Polónia em Lisboa—Serviço da Imprensa—, recebemos A situação da Igreja Católica em Polónia Ocupada, que descreve as vicissitudes por que tem passado os sacerdotes católicos na Polónia.

Cabaz das Compras—Edições VIC, de Lisboa, vão criar uma Biblioteca de Culinária, começando por Cabaz das Compras o calendário das cozinhadeiras, Caderno mensal, de que recolhemos o n.º 1, e onde se publicam mais ou menos 200 receitas, por Miquelina Martins, do «Comércio do Porto.» Aceitamos as assinaturas nas Edições VIC, Rua da Palma, 37-2.º D.º Lisboa.

Narciso Loureiro